Dia 23 — São Lino, Papa e Mártir

Martirológio Romano

São Lino, papa e mártir, em Roma; o primeiro que governou a Igreja de Roma depois do apóstolo São Pedro: morreu com a coroa do martírio e o sepultaram no Vaticano junto ao mesmo Apóstolo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Tecla, virgem e mártir, em Icônio, na Licaônia; a qual, convertida à fé pelo apóstolo São Paulo, no tempo de Nero, havendo confessado a Cristo, foi lançada ao fogo e às feras; mas saiu sem lesão destes e de outros vários tormentos, sofrendo-os com a maior constância para exemplo de muitos. Finalmente passou a Selêucia, onde morreu em paz. Os santos Padres a celebram com grandes elogios. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A comemoração de São Sósio, diácono de Misena, na Campânia, de cuja cabeça o santo bispo Januário viu levantar-se uma chama enquanto lia o Evangelho na igreja, pelo que profetizou que seria mártir. Efetivamente, poucos dias depois, aos trinta anos de sua idade, em companhia do mesmo Bispo, alcançou a palma do martírio, havendo-os degolado.

Os santos mártires André, João, Pedro e Antônio, na África.

São Patérnio, bispo e mártir, na diocese de Constança.

São Constâncio, em Ancona, sacristão daquela igreja, esclarecido pelo dom de milagres. (Em sua humilde posição foi modelo de eclesiásticos e seculares. São Gregório Magno em seu livro dos *Diálogos* refere muitos prodígios deste Santo e diz que, se foi grande nos milagres, foi maior ainda por sua extraordinária humildade.)

As santas mulheres Xantipa e Polixena, discípulas dos Apóstolos, na Espanha. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Lino, Papa e Mártir

São Lino foi o primeiro bispo de Roma imediatamente depois de São Pedro, a quem sucedeu no ano 66 de nosso Senhor, depois que o santo Apóstolo recebeu a coroa do martírio.

Este Santo, de quem faz menção o apóstolo São Paulo naquelas palavras da Epístola a Timóteo: «Eubulo, Prudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos te saúdam», foi italiano, natural de Volterra, na Toscana, de família nobre e distinta, tanto por sua qualidade e por seus grandes bens de fortuna como pelos primeiros cargos que seus ilustres antepassados haviam dignamente exercido no país. Seu pai foi um senhor por nome Herculano, e sua mãe aquela mesma Cláudia cujo elogio faz o apóstolo São Paulo escrevendo a Timóteo desde a prisão nove ou dez meses antes de sua morte; o que dá motivo a crer que toda aquela ilustre família havia abraçado o cristianismo durante as apostólicas excursões que São Pedro e São Paulo haviam feito por toda a Itália.

Desde logo reconheceu São Pedro em São Lino um natural tão belo, uma piedade tão pura, tão sólida e tão sobressalente, um fundo de capacidade e de prudência tão grande e um zelo tão generoso e tão à prova de tudo, em um tempo em que a terna e recém-nascida Igreja tinha tanta necessidade de bons e fiéis ministros, que tomou com particular empenho o cuidado de formá-lo de sua mão; e, dedicando-se a instruí-lo com maior aplicação, tirou um dos mais beneméritos e mais dignos sucessores dos Apóstolos.

Gozou a Igreja de bastante tranquilidade em todo o tempo do imperador Cláudio e nos dez primeiros anos do império de Nero; e, querendo São Pedro aproveitar-se daquela calma para assistir ao concílio de Jerusalém, pelo ano 48 de Cristo, e para fazer muitas excursões apostólicas em diferentes províncias, tem-se por certo que, para não deixar sem pastor seu querido rebanho, ordenou de bispo a nosso Santo e o fez vigário seu em Roma, junto com São Clemente, durante o tempo de sua ausência. Reconheceu em sua volta que não se havia equivocado no conceito do mérito, do zelo e das grandes virtudes de São Lino, admirando sua solicitude pastoral, sua prudência, sua grande caridade e as demais admiráveis prendas que o haviam feito dono dos corações e merecido a estima de todos os fiéis.

Como a pastoral solicitude do santo Apóstolo o tinha continuamente desvelado e sempre atento a todas as necessidades da Igreja universal, enviou São Lino às Gálias para que levasse a elas a luz da fé e desmontasse aquelas terras incultas. Cheio nosso Santo do mesmo espírito que animava os Apóstolos, atravessou os Alpes, entrou naquelas vastas regiões em que reinava a idolatria e, conduzido pelo Espírito Santo, que o guiava, buscava ansioso em todas as partes ocasião oportuna para descobrir o tesouro oculto que levava aos povos e nações. Chegou a Besançon, cidade célebre sobre o rio Doubs, capital do Franco-Condado e da qual se faz menção nos *Comentários* de César. A alguns centenares de passos antes da cidade encontrou o Santo um oficial chamado Onósio, que era tribuno da plebe; isto é, o primeiro e principal magistrado estabelecido para defender o povo contra a opressão dos grandes e para libertá-lo das violências dos cônsules, resistindo também às injustiças do Senado: olhou Onósio com atenção aquele estrangeiro; e, movido de seu ar, mas mais que tudo de sua singular modéstia, perguntou-lhe de onde era, que religião professava e a que fim se dirigia sua viagem. Aproveitando São Lino aquela ocasião de anunciar Jesus Cristo: «Eu adoro (respondeu-lhe) o único e só Deus verdadeiro, todo-poderoso e eterno Criador de todas as coisas, a quem rogo que te seja propício. Este só verdadeiro Deus tem um único Filho, tão eterno e tão poderoso como Ele; e este seu único Filho, movido da cegueira e

das misérias dos homens, fez-se homem pela salvação dos mesmos homens: chama-se Jesus Cristo e quis morrer numa cruz por nossos pecados. É verdade que, para mostrar que era também Deus, ressuscitou por sua própria virtude ao terceiro dia depois de sua morte. Agora vive no céu e viverá eternamente nele em companhia dos que abraçarem sua religião, guardarem seus mandamentos e morrerem em sua graça.» Ouvindo isto, Onósio, já fosse por ligeireza ou por zombaria, pôs-se a rir; mas, como já antes havia ouvido falar de Jesus Cristo crucificado, picou-lhe a curiosidade; e, desejoso de saber a fundo toda a história, brindou nosso Santo com sua casa. Aceitou São Lino a hospedagem e a poucos dias, por sua modéstia, por sua doçura e por sua singularíssima santidade, fez-se dono de todo o coração e de toda a estima do Tribuno; tanto que, logo que ouviu falar sossegada e fundamentalmente da santidade de nossa Religião e das ímpias extravagâncias dos gentios, tocado da graça do Redentor, pediu com instâncias o Batismo. Desde o mesmo ponto em que se fez cristão declarou-se por um dos mais ardentes e mais fervorosos defensores da fé. Cedeu uma casa a nosso Santo, que ao instante a converteu numa pequena igreja, com o título da Ressurreição do Salvador, e em honra da Mãe de Deus e de Santo Estêvão. Crescia cada dia o número dos fiéis pela conversão dos gentios e estava já para fazer-se cristã toda a cidade de Besançon quando o inimigo comum pôs em movimento todos os seus artifícios para deter tão rápidos como gloriosos progressos.

Os pagãos tinham de celebrar uma festa muito solene em reverência a seus deuses e se dispunham a oferecer-lhes grande número de sacrifícios. Não pôde olhar sem horror todas aquelas prevenções o coração de nosso Santo, inflamado no zelo da glória de Deus e da salvação das almas. Partiu à praça onde havia concorrido todo o povo: achou-o como amontoado frente por frente do templo destinado a celebrar a solenidade; e, levantando a voz, falou-lhe desta maneira: «Que ides fazer, enganados e miseráveis filhos meus? A oferecer ides sacrifícios; mas a quem? A uns ídolos que não valem o incenso que queimais e são inferiores às vítimas que lhes ofereceis. Que sinais de divindade encontrais em uns troncos inanimados ou em umas pedras insensíveis que devem todo o ser de deuses à enxó, ao escopro e ao martelo; incapazes de defender-se a si mesmos dos estragos do fogo e de pôr-se a coberto contra os golpes de uma ruína? Cessai, cessai de render adorações a tão vis criaturas. Não há nem pode haver outro Deus que o único e só Deus criador do céu e da terra, que eu vos anuncio e vos prego: o único que merece nosso amor, que é digno de nossos respeitos e a quem se devem dedicar todos os nossos sacrifícios. Deixai, pois, de ser insensatos e cegos, para o que não há outro meio que começar a ser cristãos.» Estas palavras, pronunciadas com apostólico zelo e com acendido fervor, foram à maneira de um raio fulminado das nuvens que, lançando por terra uma das colunas do templo, reduziu a miúdo pó o ídolo que sustentava. À vista daquele prodígio ficou todo o povo tão atemorizado e aturdido que já iam todos a abrir ditosamente os olhos às luzes da fé quando os sacerdotes dos ídolos, vendo-se como a ponto de ser abandonados, começaram a gritar com todas as suas forças que, irritados os deuses, iam já a abismar toda a cidade se sobre o mesmo fato e sem dar lugar a dilações não se vingasse o insulto e desacato sacrílego que com seus sortilégios e encantos lhes acabava de fazer aquele insigne feiticeiro. Mudou-se de repente o terror do povo em descomposto furor; e, arrojando-se sobre o Santo, moeram-no a golpes e o lançaram da cidade. Como o Senhor tinha destinado São Lino para sucessor de São Pedro, contentou-se por então com que o Santo lançasse os primeiros alicerces daquela ilustre igreja, uma das mais célebres das Gálias; e em atenção a isto a igreja de Besançon reconheceu e venerou sempre a São Lino como a seu primeiro Bispo e a seu Apóstolo, de quem recebeu as primeiras luzes da fé.

Precisado São Lino a abandonar seu primeiro rebanho, sentiu-se como inspirado de retirar-se a Roma, onde o estava esperando São Pedro para confiar-lhe o seu; e com efeito, logo que chegou àquela cidade, terminou o Príncipe dos Apóstolos sua gloriosa carreira com a coroa do martírio pelos anos de 68. Pouco tempo esteve sem pastor o rebanho daquela capital do mundo e da Igreja universal, sendo eleito nosso Santo por unânime consentimento, como o mais benemérito de todo o clero romano, para sucessor de São Pedro, vigário de Jesus Cristo e cabeça visível de sua Igreja. Os grandes talentos que tinha para governá-la, sua experiência, sua eminente santidade, seu zelo e seu valor fizeram desde logo conhecer que a eleição havia sido do Espírito Santo, acreditando-o por um dos mais dignos sucessores de São Pedro o ardente zelo em que se abrasava pela propagação da fé de Jesus Cristo, a contínua aplicação a mantê-la em toda a sua pureza, a caridade universal que o constituía pai dos pobres, refúgio dos miseráveis, consolo dos aflitos e asilo geral de quantos se achavam atribulados com trabalhos e com adversidades.

Não obstante a calma que gozava a recém-nascida Igreja naqueles primeiros dias, sempre tinha muito que trabalhar um sucessor imediato de São Pedro para fazer perfeitos cristãos tantos neófitos como se contavam então, particularmente naquela capital. A todos proveu a vigilância de São Lino. Ia de casa em casa instruindo os catecúmenos, esforçando os confessores e animando todos os fiéis com suas palavras, com suas esmolas e com seus exemplos. Como crescia a messe, era mister multiplicar os obreiros. Consagrou muitos bispos e ordenou muitos ministros do altar. Ao zelo pela propagação da fé correspondia o que teve pela disciplina eclesiástica. Ordenou, como já o havia feito São Pedro, que as mulheres não entrassem na igreja com a cabeça descoberta; conformando-se também com isto a doutrina de São Paulo, que não quer que apareçam nela sem a decência e a honestidade do véu. Em meio a tão contínuas e tão importantes ocupações em que o tinha empregado a solicitude de toda a Igreja, fez lugar para deixar-nos escrita a história de tudo o que sucedeu entre o apóstolo São Pedro e Simão o Mago. Escreveu também dois livros sobre o martírio dos apóstolos São Pedro e São Paulo, de que ele mesmo havia sido testemunha ocular. Os que nos restam na biblioteca dos Padres são pouco conformes ao original e é verossímil que foram alterados pelos hereges.

Enchia Roma com o esplendor de suas virtudes e de seus milagres este grande Pontífice, não menos distinto por sua fé e por sua santidade que pela suprema elevação de sua sé. Talvez não teve jamais inimigo mais formidável todo o inferno junto. À invocação de seu só nome emudeciam os demônios, e com o sinal da cruz os compelia a deixar livres os corpos em cuja posse haviam estado por longos anos. Até a mesma morte obedecia a sua voz, sendo muitos os mortos que revogou à vida durante o curso de seu pontificado aos olhos de toda a cidade. Nem os mesmos pagãos se eximiam de tributar respeitos e veneração a sua eminente virtude, recorrendo ao santo Papa para o alívio ou para a cura de suas doenças. Entre outros, Saturnino, varão consular, que mandava em Roma sob as ordens dos Imperadores, vendo sua filha possuída do demônio, acudiu a nosso Santo, que com o sinal da cruz e invocando sobre ela o nome de Jesus Cristo a deixou livre daquele infernal hóspede. Todos esperavam que o comandante se converteria à vista de tão insigne milagre; mas os sacerdotes dos ídolos, inimigos implacáveis do nome cristão, infundiram-lhe tanto medo, ameaçando-o com a indignação e com a desgraça dos Imperadores, que para não incorrê-la mandou cortar a cabeça ao santo Pontífice. Assim se executou; e se crê que São Lino recebeu a coroa do martírio pelos anos de 78 de Jesus Cristo. Os Cristãos enterraram seu corpo no

Vaticano perto do apóstolo São Pedro.

Santa Tecla, Virgem e Mártir

Santa Tecla, cujo nome foi sempre tão famoso na Igreja e que é chamada por Santo Isidoro de Pelúsio e por todos os gregos a Protomártir de seu sexo, foi um dos ornamentos mais brilhantes da idade apostólica. Era Santa Tecla da cidade de Icônio, na província de Cilícia, tinha mãe e estava concertada de casar-se com um mancebo chamado Tâmiris. Neste tempo o apóstolo São Paulo, de Antioquia, foi a Icônio: recebeu-o em sua casa Onesíforo, homem virtuoso e, juntando-se nela alguma gente bem inclinada e desejosa de acertar o caminho da salvação, pregou-lhes o Apóstolo uma e muitas vezes com grande aproveitamento dos ouvintes. Junto àquela casa estava outra em que vivia Santa Tecla, e sucedeu que, estando numa janela de sua casa, dali ouviu pregar São Paulo. As palavras de vida do Apóstolo fizeram nela grande impressão e, não contente com havê-las ouvido uma vez, ouviu-o outras muitas, tanto que sua mãe veio a entender o caso e que os sermões lhe haviam mudado seu intento; de maneira que a que antes era pagã já diz que há de ser cristã; e a que antes tinha concertado casar-se já diz que perderá primeiro a vida que deixar de ser donzela. Deu a mãe notícia disto ao esposo e, sabido por ele e visto ser assim, porque a donzela claramente o desenganou e disse a verdade do que pensava fazer, que era não casar-se com ele nem com ninguém, deu queixa ao Procônsul que governava a cidade, dizendo que um estrangeiro havia vindo ali que tirava as esposas de seus esposos e introduzia novos deuses em prejuízo notável dos que seus antepassados haviam adorado. Mandou prender o Apóstolo e açoitá-lo cruelmente, o que não se verificou, havendo declarado que gozava do privilégio de cidadão romano por haver vivido em Tarso da Cilícia; e assim o desterraram. Prenderam também Tecla e, ouvida sua confissão, foi sentenciada a queimar. Acendeu-se a fogueira, estando junta muita gente; entrou a santa donzela em meio às chamas e não só não recebeu dano em sua pessoa, mas de repente levantou-se uma terrível tempestade e caiu tão copiosa água que apagou o fogo e espantou todos os presentes de modo que se foram dali. Ficou livre Santa Tecla e sem lesão alguma e teve lugar de ir-se à casa de Onesíforo, onde achou São Paulo e alguns cristãos que haviam feito oração por ela três dias contínuos. Foi grande o regozijo e a festa que todos fizeram com ela; batizou-a o Apóstolo e ensinou-a nas coisas da fé; e, por entender que haviam de voltar da parte do Procônsul àquela casa, ele se foi dela e da cidade, deixando muito encomendada a santa donzela aos cristãos que ali ficavam. E, ainda que se pôs grande diligência em guardá-la, não passaram muitos dias que um mau homem, chamado Alexandre, a prendeu e levou diante do Procônsul; e, visto por ele como perseverava em não querer seu esposo e em confessar-se cristã, sentenciou-a a que fosse lançada às bestas feras na cidade de Antioquia, aonde a levou, por haver de ir o Procônsul àquela cidade; assinalou-se um dia principal para isto e, chegado este, foi posta na arena do teatro, onde saiu uma ferocíssima leoa; mas, esquecendo sua natural fereza ao ver a Santa, lançou-se a seus pés. Encarece Santo Ambrósio o que faziam as bestas com a Santa por estas palavras:

«Fugindo Santa Tecla dos deleites conjugais e sendo condenada, pelo sentimento que teve seu esposo, mudou a natureza das bestas, que a trocaram pela admiração de sua virgindade. Lançaram-na às feras; e foi tão grande sua castidade que ali no teatro baixava os olhos para não

ver os homens e oferecia suas entranhas ao leão feroz; e com isto os que haviam vindo com olhos lascivos voltavam com olhos castos e honestos. Via-se a besta fera lamber os pés da santa donzela e prostrar-se-lhe e, com um murmúrio e som mudo, dar a entender que não podia tocar o corpo da Virgem. Adorava a besta sua presa; e, esquecida de sua própria natureza, havia-se vestido da natureza de que os homens se haviam despido: e com mudança estranha víeis os homens cruéis mandar à besta que o fosse, e a fera, beijando os pés da Virgem, ensinar aos homens o que haviam de fazer. É tão admirável a virgindade que até os leões se admiram dela e a reverenciam. Não pôde a fome mover os leões para que fizessem presa na santa Virgem: nem sua natural fereza nem o costume que tinham de despedaçar os outros: nem o furor do povo nem os meios que tomaram para irritá-los e embravecê-los contra a Santa; antes, adorando a Mártir, nos ensinaram a Religião e a castidade, pois assim beijavam os pés da Virgem, fixos os olhos em terra, como tendo vergonha e mostrando que lhe tinham respeito e temiam que algum homem ou alguma besta visse desnudo aquele sagrado corpo.» (Ambr., liv. 2 *De Virg.*)

Não bastou este prodígio para que o tirano reconhecesse a mão do Senhor que assim amparava sua esposa, antes mandou tirá-la dali e lançá-la numa fossa em que havia muitas víboras e serpentes venenosas. Ao tempo em que a lançavam, desceu do alto uma nuvem de fogo que as matou a todas, e ficou livre deste terceiro tormento, como havia ficado dos dois passados, do fogo e das feras. Aparelharam de novo outras bestas: ataram-na a dois touros ferocíssimos para que a despedaçassem: e, a fim de que estivessem mais bravos, aguilhoaram-nos com aguilhões acesos nas pontas; mas o Senhor a guardou assim mesmo de maneira que ficou sem lesão alguma. Vistas pelo povo tantas maravilhas, e especialmente por uma senhora nomeada Trifena, a quem o juiz havia dado em guarda a Santa Tecla, começaram a dar vozes e dizer que o Deus que adorava Tecla era poderosíssimo e digno de ser adorado. Temeu o Procônsul o furor do povo e deu por livre a Santa Tecla. Voltou a sua terra, fez vida retirada no cume de um monte pouco distante de Selêucia, onde resplandeceu com virtudes e milagres e, por sua ocasião, muitíssimos receberam a fé de Jesus Cristo. Sendo de noventa anos, morreu e foi sepultada em Selêucia, metrópole da Isáuria ou Licaônia.

De Santa Tecla escrevem quase todos os santos doutores antigos, como são São Gregório Nazianzeno, Epifânio, Ambrósio, Jerônimo, Crisóstomo, Sulpício Severo e outros muitos; e é coisa maravilhosa ver os louvores que dão a esta gloriosa Virgem e bem-aventurada Mártir, por haver sido a primeira mulher que foi atormentada por Jesus Cristo e como capitã e guia das demais. Chamam-na filha primogênita de São Paulo. São Metódio em seu *Banquete das Virgens* nos assegura que era muito versada nas belas-letras e recomenda muito sua eloquência e a facilidade, força, suavidade e modéstia de seus discursos.

Sobre seu sepulcro foi erigida em Selêucia uma suntuosa igreja no tempo dos primeiros Imperadores cristãos, com a invocação de seu nome, e a fizeram famosa o número de milagres e de peregrinos que a ela acudiam, como vemos em Teodoreto, Gregório Nazianzeno e outros. É coisa muito acostumada nos grandes trabalhos suplicar a Nosso Senhor que nos livre deles como livrou Santa Tecla dos tormentos. São Cipriano, na oração que fez a Deus no dia de seu martírio, lhe diz: «Assisti-me, Senhor, e sede comigo como fostes com Paulo em suas prisões e com Tecla no fogo.» E toda a santa Igreja, nas orações que faz ao Senhor para encomendar a alma do que está agonizando, suplica-lhe que o livre como livrou Santa Tecla dos tormentos, dizendo: «Livrai-a,

Senhor, como libertastes Santa Tecla de três atrocíssimos tormentos.» Por onde se veem os grandes méritos desta bem-aventurada Virgem e Mártir e a devoção que lhe devemos ter.

Segundo Canísio, a morte de Santa Tecla aconteceu em tal dia como hoje, pelos anos de 90, imperando Domiciano.

No século V escreveu-se uma história de nossa gloriosa Santa com algumas coisas apócrifas, dizendo que quis vestir-se em hábito de varão para andar em companhia de São Paulo e que não o consentiu ele, mas que fosse em seu próprio traje: e que em Antioquia um homem principal dava a São Paulo grande soma de dinheiro por aquela donzela. Estas e outras coisas semelhantes se contam ali. Pelo que o papa Gelásio condenou esta história, pondo-a no catálogo de coisas apócrifas e de nenhum crédito; e assim o que fica escrito desta Santa é o aprovado por graves autores e o que tem autoridade.

Na grande veneração que todo o orbe cristão tem a Santa Tecla distingue-se muito particularmente a cidade de Tarragona, no principado da Catalunha, com motivo de estar aquela metropolitana igreja sob a invocação da Santa. Desejava a dita igreja ter alguma de suas relíquias e, sabedora de que se achava um braço dela em poder de Onsino ou Osino, rei da Armênia, unidos o ilustríssimo arcebispo D. Eximeno de Luna com os cabidos eclesiástico e secular, suplicaram ao rei D. Jaime, segundo deste nome em Aragão, que se dignasse enviar seus embaixadores à Armênia para que pedissem a Onsino em seu nome a expressada relíquia, a fim de enriquecer com ela a santa igreja de Tarragona. Fê-lo D. Jaime com cartas da mais expressiva recomendação, acompanhadas de requintados presentes; e, condescendendo com suas súplicas o rei da Armênia, entregou aos embaixadores do de Aragão, no ano de 1320, o braço de Santa Tecla, exceto o dedo polegar, que quis reservar-se para si, o qual deu envolto com um cendal de ouro dentro de uma arquinha de prata, metida dentro de outra de roble fechada com muitas chaves douradas, que entregou ao arcediago maior da mesma santa igreja de Tarragona, outro dos embaixadores. Desta doação da santa relíquia e ato de entrega feita pelo referido príncipe armênio acha-se um auto autêntico cuja data é no dito ano de 1320. Despedidos os embaixadores pelo rei Onsino, chegaram a Barcelona com a santa relíquia e, como o rei D. Jaime desejasse que se fizesse sua colocação com o aparato mais solene e qual convinha a um tesouro tão assinalado, mandou aos embaixadores que com a mesma nau fossem a Salou e dali levassem a preciosa relíquia ao lugar de Constantí, onde estivesse depositada enquanto se dispunha tudo o necessário para as festas e honras. Convocou os condes, barões, cavaleiros e homens principais de todo o reino para o dia assinalado: fez o mesmo o Arcebispo com todos os sufragâneos, abades, priores e pessoas eclesiásticas de dignidade e conta; e fez-se a trasladação desde Constantí a Tarragona no dia 19 de maio do ano 1323.

A majestade de Deus Nosso Senhor quis ilustrar também esta trasladação com milagres, e entre outros um sacerdote chamado Ramon Castellón, que estava de todo cego havia dezesseis anos, invocou a bendita virgem Santa Tecla, rogando-lhe que lhe alcançasse de Deus a vista perdida: a qual logo recobrou perfeitamente, do que Sua Alteza, o Arcebispo e todo o povo ficaram muito consolados, e com razão. A festa da trasladação do braço de Santa Tecla celebra-se em Tarragona na quinta Dominga depois da Páscoa.

Sabe esta gloriosa Santa defender sua igreja, como se viu no rei D. Pedro IV deste nome em Aragão, o qual quis usurpar as terras da catedral de Tarragona, patrimônio da Santa, e fez mil danos nelas enviando para lá seu exército; mas, depois de havê-lo citado os cônegos para diante do acatamento de Deus, Santa Tecla lhe apareceu e lhe deu uma bofetada, da qual caiu doente e morreu dentro de poucos dias; e, reconhecendo sua culpa antes de expirar e que aquele era castigo de Deus, mandou restituir à igreja o que lhe havia tomado e reparar os danos que havia feito.

A magnífica catedral de Milão está dedicada a Deus sob a invocação de Santa Tecla. (Vill., But. e Dom.)

Santa Xantipa e Polixena

Santa Xantipa foi uma das mais esclarecidas mulheres de Córdova no império de Nero. Seu nome dá a entender que descendia dos antigos gregos que povoaram aquela cidade. Casou com Probo, romano ao parecer e um dos senhores principais daquela terra, amigo íntimo do Imperador. Tinha outra irmã chamada Polixena, da qual não consta que houvesse casado. Era a este tempo pretor da Espanha Ulterior Filoteo, cuja residência, como a de todos os demais pretores, era Córdova, onde estava a basílica e o pretório. Dizem, pois, que quando São Paulo veio à Espanha, cujo fato tem a seu favor insignes testemunhos, persuadiu Xantipa a seu esposo que o hospedasse em sua casa e foi doutrinada com sua pregação no Evangelho de Jesus Cristo, cuja fé abraçaram ela e seu esposo. Acrescentam que Xantipa viu na fronte de São Paulo umas letras que diziam: «Paulo, apóstolo de Jesus Cristo.» Polixena partiu com o Apóstolo à Acaia, província da Grécia que hoje dizemos a Moreia, onde Santo André pregava, de cuja mão recebeu o Batismo. Depois voltou a Córdova à companhia de sua irmã, de cujo exemplo e persuasão se valeu Deus para que aquela cidade, deixada a superstição da idolatria, abrisse os olhos à fé e se convertesse à adoração de seu santo nome. Um dos convertidos foi Filoteo. Morreram estas ditosas irmãs na paz do Senhor pelo ano 70 de Cristo. Sua memória se assinala hoje no Martirológio Romano e no Menológio dos gregos.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Lino, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Lini, martyris tui atque pontificis, annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso mártir e pontífice o bem-aventurado São Lino, concedei-nos por vossa bondade que experimentemos os efeitos de sua proteção na terra quando reverentes festejamos seu nascimento para a glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 do apóstolo São Tiago.

Tiago 1,12-18

> **Latim:** [12] Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. [13] Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. [14] Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. [15] Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. [16] Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. [17] Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. [18] Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

Português: [12] Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. [13] Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. [14] Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. [15] Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. [16] Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. [17] Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. [18] Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

Reflexões

A cada um tenta o atrativo de sua própria concupiscência. Falando em propriedade, nós mesmos somos nosso maior tentador. Não há que atribuir ao demônio o que é colheita de nosso próprio terreno. Nosso amor-próprio, nossa concupiscência, nosso próprio coração são aquele fino, aquele

artificioso inimigo que nos arma tantos laços e nos faz cair nas redes que nos estende. O primeiro golpe sempre o faz a paixão dominante: ganha primeiro o entendimento e depois rende o coração: conquistados estes dois fortes, reina com império a concupiscência. Em vão quer resistir a fé; em vão faz seus protestos: até os esforços da razão são desmaiados e débeis: a concupiscência os deslumbra todos; e é tanto o ruído que mete que não se deixam perceber as vozes da consciência. Embota-se a ponta dos remorsos contra a dureza do coração, que começa estragado e acaba insensível. Apoderando-se a concupiscência do coração humano, tudo é tumulto, tudo confusão, e esta é a origem das tentações. Sempre se logram alguns intervalos da fé e da razão; mas sua desmaiada luz entre tantas e tão espessas trevas só serve como para entrever de quando em quando o lastimoso estado em que alguém se acha, ao modo que ao passageiro resplendor dos relâmpagos se descobre de tempo em tempo o precipício que nos ocultava a tenebrosa escuridão. Neste infeliz estado vem-se a cair quando não se acode com tempo a impedir que tome forças a concupiscência, quando desde os princípios não se ataja, não se sujeita, não se doma a paixão dominante. Fomenta-se por todos os caminhos o amor-próprio, e nos queixamos depois dos estragos que faz! Lisonjeia-se em tudo a paixão dominante, e depois há grandes queixas pelos alvoroços que excita! Atribui-se à malícia do demônio uma ocasião próxima que se buscou muito de propósito: um mau pensamento que nasceu em nosso coração; mas o engendrou uma vista voluntária e muito deliberada; a leitura de um livro que se solicitou com o maior cuidado; uma longa, terna e amorosa conversação em que se derramou o coração e foi buscar-se muito de intento. É certo que as paixões são tentações contínuas; mas estas paixões devem a nós mesmos toda a sua força e toda a sua malícia. Talvez despertam até na solidão e no deserto: nem os rigores da penitência bastam sempre para contê-las: em meio a eles se amotinam e conspiram em nossa perda. Mas é preciso confessar que em nenhuma parte são tão temíveis como entre os prazeres, entre as diversões, na liberdade que se concede a um coração imortificado, na dissipação, na indevoção e em meio a esse grande mundo. Não demos lugar à tentação: estejamos sempre em sentinela contra os assaltos das paixões e possuamos nossa alma com o recolhimento e com a modéstia. Mortifique-se o coração, reprimam-se, arranjem-se os sentidos, e com toda a segurança fará poucos progressos a tentação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident,

> incipiant illudere ei, [30] dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? [31] Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? [32] Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. [33] Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: [26] Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. [27] E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. [28] Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, [29] para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, [30] dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? [31] Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? [32] D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. [33] Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Sobre o fim do homem

Primeiro ponto

Considera que não estamos neste mundo por casualidade. Algum fim se propôs Deus quando nos tirou do nada. E este fim não pode ser outro que o de sua glória, havendo-nos criado para conhecê-lo, para amá-lo e para servi-lo. Glorificamos a Deus conhecendo-o e amando-o; damos-lhe testemunho deste amor servindo-o; e o servimos guardando seus mandamentos. Bem pôde Deus não nos criar; mas nunca pôde criar-nos para outro fim.

A desordem dos costumes poderá muito bem fazer-nos esquecer nosso dever, mas nunca poderá mudar nosso último fim; e, por desarranjadamente que vivamos, sempre será verdade que não estamos neste mundo para amontoar riquezas, para adquirir honras, para gozar de muitos prazeres e para fazer nele uma grande fortuna. Só estamos nele para servir a Deus, para amá-lo e para glorificá-lo com nosso amor.

Os Reis e os povos, os ricos e os pobres, os moços e os velhos só estão no mundo para este único fim. Que os homens sejam de diferentes classes e condições: que haja subordinação entre eles;

que uns nasçam para senhores e outros para vassalos, todos nasceram para o mesmo fim, e todos convêm neste ponto capital: que todos nascemos para conhecer a Deus, para amá-lo e para servi-lo.

Que se passe a vida sem pensar sequer a que fim estamos neste mundo; que chegue a morte sem haver pensado jamais nele, sempre subsistirá esta verdade em todos os seus princípios e em todas as suas consequências. Sempre será verdade que aquele libertino que vive como se não estivesse neste mundo mais que para entregar-se aos deleites e aos prazeres; que aquela pessoa mundana que tem tão pouca religião; que aquele homem do mundo dedicado unicamente a fazer fortuna nele: sempre invariavelmente será verdade que todas estas pessoas só estão na terra para amar a Deus, para servir a Deus e para agradar-lhe. Não foi mais criado o fogo para esquentar nem o sol para alumiar que o homem para servir a Deus e para glorificá-lo. Que reflexões se oferecem sobre esta verdade! Que sobressaltos, que remorsos devem produzir estas reflexões!

Mas subsiste hoje entre os mundanos esta verdade fundamental de nossa Religião, esta base em que estriba todo o seu edifício? Pois quê, nesta risonha estação do ano que brinda a todos com umas diversões tão pouco cristãs, não há cristão que não esteja obrigado a amar a Deus, a servir a Deus, a glorificar a Deus, nem mais nem menos que nos dias destinados à penitência? Mas que será daquelas pessoas que tanto se opõem a esta indubitável doutrina? Vivem segundo o fim para que estão neste mundo? E qual será o termo de um caminho que não vai dar em nosso último fim?

Segundo ponto

Considera que não há verdade no cristianismo que mais cedo se aprenda que a do fim do homem; mas tampouco a há em que menos se pense nem que menos força nos faça quando se pensa nela. Talvez nunca se penetrou bem seu sentido, nem muito menos suas consequências. Porque, se é verdade que só estou neste mundo para servir a Deus, não devia haver em minha vida nem uma só ação que não se referisse a Deus, e talvez não encontrarei em toda a minha nem uma só que haja feito unicamente por Deus.

Se se consideram precisamente nossos costumes, nossas máximas e nossa conduta, dir-se-á que é Deus nosso último fim? Cada qual tem seus fins; mas, se não é Deus este fim, qual será nosso termo? Cada qual tem seus fins; mas que fins são estes? Aquela conveniência, aquele emprego, aquele ganho, aquela diversão, e muitas vezes aquele pecado: este é o objeto de minha concupiscência, de minha ambição, de minha paixão dominante. Este é propriamente o fim daquelas negociações, daqueles desvelos, daquelas solicitudes, de tantos passos, de tantos movimentos, daquela vida dura, aplicada, buliçosa e atropelada de tantas gentes; e nessas fadigas, nessa aplicação, nesse estudo ingrato e laborioso olha-se muitas vezes a Deus? Consulta-se sua divina lei? Tomam-se medidas justas para lograr o último fim? Certamente na maior parte das empresas e dos grandes negócios do mundo para nada se conta com Deus.

Busca-se a Deus nessas profanas diversões, nesse jogo, nessas concorrências em que a profanidade tira à rua todo o seu aparato? Busca-se a Deus nesses projetos ambiciosos, nesses suntuosos equipamentos e nesses esplêndidos banquetes? Busca-se a Deus nessas devoções de

ruído, de moda e de capricho? Depois que a vaidade e o amor-próprio se levantam, por assim dizer, com o melhor de nossas ações, restará nelas muito onde Deus possa usar de seu direito?

Será possível que chegue a tanto nosso atolondramento que olhemos a sangue frio nosso descaminho e nos comprazamos nele? Eu não estou neste mundo senão para conhecer, para amar e para servir a Deus; mas conheço bem este Deus cujas leis atropelo e cujas santas máximas há tanto tempo estou menosprezando? Amo este Deus a quem desagrado sem reparo, a quem ofendo sem remorso e a quem desonro com minha vida? Sirvo este Deus quando não reconheço outro dono que o mundo e minhas paixões?

«Homens ingratos, exclama o Profeta, ainda não estais contentes com vossa herança de ter a Deus por vosso último fim? Pois por que vos quereis dividir entre Deus e o mundo?» Que se deve inferir daqui? E qual será o efeito das terríveis acusações que me faz minha consciência?

Que, meu Deus, será possível que só estou neste mundo para amar-vos e para servir-vos, e talvez se haverá passado a melhor e a mais bela parte de minha vida sem haver-vos servido oito dias, e até talvez nem um só dia?

Calo, Deus meu, e selo meus lábios, coberto de confusão. Eu vivi, eu envelheci na dissolução e na desordem; mas Vós, Senhor, que ides buscar a ovelha perdida, não desprezareis a que com vossa divina graça acode a prostrar-se a vossos pés, protestando que não quer já servir a outro dono que a Vós só.

Jaculatórias

Fazei-me, Senhor, a graça de que reconheça meu fim, para dedicar-me daqui em diante a ele de outra maneira que o fiz até aqui. (Sl 38.)

Todo sou vosso, Deus meu, e o sou por muitos títulos; não quero viver daqui em diante senão para Vós. (Sl 118.)

Propósitos

1. O fruto é do dono a quem pertence a árvore. Todos somos de Deus por muitos motivos; e assim devem ser de Deus todas as nossas ações. Qualquer delas que tenha outro fim é sem mérito. Oh, e quantas obras são perdidas para a eternidade! Interessa-nos, pois, muito evitar esta perda. Não faças coisa sem ter nela outro fim que o de agradar a Deus; proponhamo-nos em todas sua maior glória, e encontraremos sempre a nossa. Bem se pode dizer que nossos interesses são inseparáveis dos seus. Mas é muito fácil equivocar-nos nesta concorrência de motivos; e não poucas vezes nos buscamos a nós mesmos, ainda quando nos lisonjeamos de buscar unicamente a maior glória de Deus.

2. A caridade (diz o Apóstolo) é paciente, é benigna, não entende de ciuminhos nem de emulações. Todo zelo amargo, inquieto e agro; todo zelo acompanhado de certa secreta emulaçãozinha não é zelo. O caráter do verdadeiro zelo, isto é, daquele zelo que tem a Deus por primeiro móvel, é curar as chagas com óleo e com vinho, como o caritativo Samaritano: é corrigir as faltas com doçura, esperar o efeito dos remédios com paciência: alegrar-se verdadeiramente do fruto que faz o Senhor nas almas pelos trabalhos de outros. Aquela maligna tristeza que se experimenta ao ver que outros fazem mais fruto que nós com os ministérios é prova evidente de que em nossas boas obras buscamos alguma outra coisa que não é Deus. «Se teu zelo é amargo (diz o apóstolo São Tiago) e teu espírito contencioso, não te glories em teus trabalhos: essa sabedoria não é a que vem de cima, é uma sabedoria terrestre, diabólica e animal: por tanto, onde há inveja há desordem e ações perversas de toda espécie.» Se tens que corrigir teus filhos ou que repreender teus criados, guarda-te bem de fazê-lo com altivez, com cólera nem com destemperado ardor: a caridade é doce e nunca se descompõe. São provas de uma intenção direita e pura trabalhar sem turbação, sem inquietude e sem apressamento: trabalhar com tanta aplicação e com tanto zelo em segredo como em público; em empregos deslustrados como nos mais brilhantes; numa rústica aldeia como nas mais cultivadas e mais numerosas populações; com os pobres e desvalidos como com os ricos e poderosos; à vista de todo o mundo como num canto sem testemunhas: trabalhar como se não houvesse no mundo mais que Deus e alegrando-nos de que os demais trabalhem ainda mais que nós: não inquietar-se quando lhe interrompem o trabalho e cumprir tão exatamente com as menores obrigações como com as maiores. Aquelas pessoas religiosas que fazem pouco caso das regras miúdas, com pretexto de que são miudezas, seguramente não buscam puramente a Deus na observância das maiores. O que unicamente aspira a dar gosto ao dono a quem serve, igualmente o compraz em tudo o que lhe agrada.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:52 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:52 by Admin